

# As outras histórias da ESBAL

**P**ODE ser que venhamos realmente a mudar de instalações, pode ser até que acabemos por ficar aqui mesmo, depois de se resolverem os vários problemas de infra-estrutura que temos, mas tudo o resto vai ficar na mesma — quem assim se exprime é António Sena, pintor, professor na Escola Superior de Belas-Artes e membro do seu Conselho Directivo demissionário.

É que por trás da manchete (a ESBAL ser mudada do Chiado para outro local, em princípio para o inadequado edifício da Embaixada americana em Lisboa, a fim de o Convento de S. Francisco poder vir a ser ocupado pela PSP e Governo Civil) outras questões estão em causa. Questões essas a que o novo dado introduzido pelo já célebre Despacho A-13/86-X, assinado pelos ministros da Educação e Cultura, da Administração Interna e das Finanças, apenas acrescenta mais uma corroboração do «terno desrespeito que se tem em Portugal pelas artes plásticas e que prova a continuação na mesma linha de um país que vive mediocrementemente».

## Os Passarinhos

O problema não se destrinça em breves palavras. O facto de o novo local para o funcionamento da Escola ser muito evidentemente insuficiente não explica as reacções suscitadas. Nem sequer o argumento de que é preciso respeitar uma tradição que faz agora 150 anos, ou de preservar o património ou de se fazer notar a inserção de décadas de artistas portugueses no edifício que já foi recolhimento de monges franciscanos e biblioteca. António Sena até diz — «Agora lembram-se da tradição. Era bom que o tivessem feito sempre e não desde que os boatos começaram a circular e as coisas a acontecer».

Tudo começou com o diz-se, diz-se de que a parte de Arquitectura iria sair dali e deslocar-se da Escola Superior de Belas-Artes, projecto mantido e reivindicado por alguns professores, que constituem hoje a sua Comissão Instaladora. O que actualmente se verifica é a inclusão da nível Faculdade de Arquitectura na Universidade Técnica e a perspectiva de passagem física para a Ajuda, após a hipótese posta de serem eles e não os de Artes Plásticas a transferirem-se para a Lapa, que não se verificou, presume-se que por veto dos interessados, ou pelo menos é isso o que se cochicha ali no Largo da Academia Nacional de Belas-Artes.

É neste ponto da história que surge a pretensão de a Polícia vir a ocupar os pisos da ESBAL, por insuficiência das suas presentes instalações, paredes-meias da escola (conta um aluno: «Estamos nós com aulas teóricas e eles ali no pátio com a banda a tocar Os Passarinhos»). Ter-se-a partido do seguinte princípio — saem uns, e vamos nós para lá.

Sa que, e mais uma vez, se esqueceram as Belas-Artes. O sector de Artes Plásticas (Pintura, Escultura e Design, este último ramo) ainda sem qualquer institucionalização, um de muitos ab-

surdos nossos) anda à deriva e os próprios responsáveis pela Educação e pela Cultura ainda não sabem se o deverão colocar no âmbito da Universidade Clássica, se no da Nova, se no da Técnica. Essa vai ser uma decisão que ainda demorará muito tempo a tomar. Mandá-lo para a Lapa é, como ressalta logo à primeira vista, solução apressada. É óbvio que o prédio em questão não oferece as condições mínimas para uma escola de artes plásticas, mais as suas diferentes tecnologias, poder funcionar lá. Os ministros do Despacho Conjunto sabem-no perfeitamente e por isso é que deixaram em aberto a aquisição de outras possíveis instalações, nomeando uma comissão (absolutamente à revelia dos próprios, ou seja, do Conselho Directivo, professores e alunos da ESBAL) para estudar o assunto, que é sempre o recurso dos governos quando não sabem ou não querem resolver os problemas bichudos.

## Chiado

Curiosamente, os próprios alunos de Arquitectura não estão contentes com estas alterações, contrariamente à sua Comissão Instaladora. Na Associação de Estudantes falam-nos mesmo de perda — «Gostamos do contacto com as artes plásticas. A arquitectura não é uma arte mas não é propriamente uma técnica. Digamos antes que é uma demarcação artística pela técnica. Quando mudarmos vamos perder todo este «environnement» que nos é essencial. O Chiado é para nós o que é para um velhinho um banco de jardim. Este é um curso humanista, não temos que estar ao lado da engenharia: um arquitecto não é um engenheiro. E depois é bom estarmos aqui, apesar de todas as dificuldades que sentimos. Esta escola está metida na cidade, estamos em plena Baixa e é no meio da cidade que se aprende realmente a arquitectura. A ESBAL dá-nos a nós, estudantes de Arquitectura, um determinado estatuto. Conquistámo-lo, mas agora ficamos com a sensação de que perdemos algo».

Não os move qualquer animosidade em relação à Polícia. Ficaram foi escandalizados, todos ali na Escola, com a construção e se acrescentou nos telhados do Governo Civil, um ginásio, parece. Chega-se a uma janela e é triste que uma coisa daquelas («que é completamente ilegal e um verdadeiro atentado», dizem-nos ao lado) esteja mesmo à beira de uma instituição artística e de formação arquitectónica. O facto não vaticina, objectivamente, grande futuro ao lado por ora da ESBAL.

É opinião geral, nos corredores da Escola, de que «a Polícia vai mover-se mal aqui». «Isto não é nada funcional. Para nós tudo bem, que não precisamos de edifícios que sejam altamente funcionais. Também o nosso tempo não tem nada a ver com o tempo numa Polícia: movimentamos-nos de maneiras muito diferentes.» De qualquer modo, não preocupa aos estudantes de Arquitectura que seja concretamente a Polícia que vá para ali. «Nós só pensa-

mos que temos mais idoneidade e direito de continuarmos cá. Bastaria suplantiar as dificuldades técnicas que a Escola tem, mas pelo que se está a ver, não há dinheiro para melhoramentos na ESBAL mas já haverá quando a Polícia se alargar para aqui.»

O prédio tem potencialidades que se poderiam explorar, se houvesse interesse nisso. Mas quem olha para aquelas paredes percebe que a falta de vontade é coisa antiga. As nossas autoridades ainda não sabem o que há-de fazer com as artes plásticas, não as conseguem definir e entender, desconhecem onde a poderão arrumar — não é isto, não é aquilo e, sobretudo, não é produtora de ganho imediato. São estas as considerações feitas por muitos alunos da ESBAL, inclusive os futuros arquitectos, que perguntam, com incredulidade — «Como é possível transformar num quartel fechado o que é um

espaço cultural público?». Sim: qual a política cultural deste Governo?

## Apatia e amargura

O estado de espírito entre os estudantes da parte de artes plásticas é substancialmente outro, o que tem a ver, a uma primeira impressão, com as suas próprias características diferenciadoras. É, na larga maioria das pessoas, a indiferença, o alheamento, a apatia. Mas um psicologismo não serve para compreender esta atitude, que de uma atitude se trata. Porque, de facto, os cursos de Pintura, Escultura e Design nunca privilegiaram da ascensão que o sector de Arquitectura desde cedo pôde conseguir, apesar de ter nascido no corpo de uma instituição de Belas-Artes. No piso de Artes Plásticas é bem evidente o abandono sofrido, se comparado ao de Arquitectura.

O pintor António Sena faz parte de um Conselho Directivo que está demissionário, mas que prossegue funções porque, como ele mesmo afirma, «não há nenhum professor, nenhum aluno, que esteja disposto a assumir cargos directivos». Trata-se da mais completa desmoralização por parte de todos, ou pelo menos de um desinteresse algo amargurado.

Os dilemas são imensos — é a instalação eléctrica do prédio que não aguenta com a maquinaria necessária e várias actividades se vêem assim obrigadas para e simplesmente a parar («Não podemos trabalhar. Com as máquinas paradas exigem-nos à mesma trabalho no fim do ano e muitos reproavam por isso» — diz-nos um aluno); é o pessoal técnico e auxiliar que não está adstrito à Função Pública; é o curso de Design que não tem reconhecimento institucional algum; são os professores assistentes sem currículo escolar possibilitado; é a ausência de condições para os estudantes; é a superlotação; é a não definição da via pedagógica da Escola; é a imprevisibilidade de uma profissionalização artística. O despejo da ESBAL para dar lugar à PSP e ao Governo Civil é mais um dado a acrescentar.

Dizem-nos na Associação de Estudantes de Artes Plásticas — «Esta Escola teve sempre falta de apoio. Não pertencemos a lado nenhum, o nosso orçamento não é nem de escola superior nem de escola secundária, é uma excepção híbrida. Neste ambiente de muitos anos seguidos é natural o desalento: quando se soube que nos íamos embora e vinha para cá a Polícia houve indignação, é claro, mas três ou quatro dias depois voltou tudo ao mesmo.

Toda a gente já se habituou: neste país as artes plásticas são menosprezadas. É óbvio que o ministério tem consciência de que irmos para a Lapa é como meter o Rossio na Beirga, mas pronto, o Governo lá deu o rebugadinho à PSP.»

## Via aberta

O que vai acontecer, daqui para a frente? Ninguém sabe ao certo, embora haja quem saiba mais. É incrível como se passou tão rapidamente do boato para a realidade, e isso inquieta. Pouco tempo antes do dito Despacho ter sido publicado no «Diário da República» teve o Conselho Directivo de Artes Plásticas uma reunião com o secretário de Estado do Ensino Superior, que lhe disse não ter conhecimento de qualquer mudança de instalações da Escola, querendo assim desmentir as «boças». António Sena crê que o próprio secretário de Estado foi ultrapassado pelas outras instâncias — «E assim surgiu este Despacho, que é ambíguo e inconsequente, tão vago que permite que possam acontecer imensas coisas. Afiçamos-nos que pelo menos a médio prazo não somos despejados, mas precisamos ficar precavidos porque a via já está aberta. Até agora nunca fomos ouvidos, e nós até poderíamos ter insistido em que o Convento de S. Francisco tem todas as condições que são necessárias, falta é o resto. Os critérios deveriam ter sido outros.»

Orç  
1  
2  
3  
4  
5  
6  
7  
8  
9  
10  
11  
12  
13  
14  
15  
16  
17  
18  
19  
20  
21  
22  
23  
24  
25  
26  
27  
28  
29  
30  
31

Equipamento - Instalações  
Escola sup. Belas Artes